

ENTREVISTA COM MARIZA VELOZO

Entrevistadores: Fabrício Neves, Antônio Brito e Camila Galetti

Transcrição: Thamar Soares e Victor Junqueira

APRESENTAÇÃO

Mariza Veloso é doutora em Antropologia pela Universidade de Brasília (1992), com estágio de Pós-doutorado na New York University (2002-2003), nos Estados Unidos. É Professora do Instituto Rio Branco, Ministério das Relações Exteriores e Professora Associada IV da Universidade de Brasília. Seus estudos se dirigem à cultura, campo intelectual, modernidade, espaço público e patrimônio cultural, pensamento social brasileiro e latino-americano. Publicou livros de grande impacto nas temáticas do pensamento social brasileiro, como *Leituras Brasileiras: Itinerários No Pensamento Social e Na Literatura* (Paz e Terra, 1999), com Maria Angélica Madeira e *O Tecido do Tempo: O Patrimônio Cultural no Brasil e a Academia SPHAN* (Editora UNB, 2018). Seu curso de pensamento social brasileiro e leituras brasileiras têm sido demandados por gerações de estudantes nos departamentos em que leciona, além de orientar teses e dissertações sobre o tema. Mariza nos recebeu via webconferência para a entrevista abaixo. Eu diria, para uma aula.

Cabe agradecer aos estudantes Thamar Soares e Victor Junqueira pelo trabalho de transcrição.

Fabrício: Bom dia à professora Mariza Veloso, ao Antônio, à Camila, por esse momento em que vamos discutir abertamente o tema do pensamento social brasileiro. Estamos com uma das maiores especialistas do tema no Brasil, que é a professora Mariza Veloso. Para a gente iniciar essa conversa eu queria que você dissesse como tomou contato com o tema do pensamento social brasileiro na sua carreira e quais foram os elementos importantes para sua especialização na área, os textos lidos que a marcaram.

Mariza: Um bom dia a todos. Obrigada pelo convite, me sinto muito honrada de poder compartilhar com vocês algumas ideias, um pouco da minha história, com os alunos e leitores da nossa revista Textos Graduados. De fato, eu acho que essas trajetórias que a gente faz, só repara-se que

as percorreu depois de terem sido percorridas. Então, é interessante essa coisa de você voltar e fazer uma certa retrospectiva. Mas como a gente tem muita conversa pela frente, eu vou logo tentando encaminhar a resposta. Eu sempre gostei muito de história, sempre tive muita curiosidade pra saber ‘de onde as coisas vêm’, como as coisas aconteceram, como é que isso chegou a ser como é. Desde pequena, desde muito pequena, esse meu gosto pela história, saber como as coisas aconteceram, se manifestou e eu pensei até em fazer História. Depois tive também interesse pela Psicanálise, pensei na Psicologia e acabei chegando na Sociologia e Antropologia que eu achei que cobria um pouco tudo isso, todas essas dimensões que me interessavam. Na minha trajetória, em meu mestrado na Antropologia, teve um período em que todos nós estudávamos muito a questão rural, o que a gente chamava

de Antropologia Econômica, e a questão do campesinato estava em voga. Eu fiz muito trabalho nesse sentido. Minha dissertação de mestrado é nesse sentido. Desde o mestrado me interessei por questões do tipo: como é que o tempo era vivido no interior de Goiás, qual era o tempo da transformação das relações tradicionais de meeiro, de agregado para relações modernas de assalariamento? Já tinha um pouco essa preocupação ‘como que a modernidade foi introduzida numa sociedade periférica’ como a brasileira? No Doutorado, eu fui fazer um curso com a professora Mariza Peirano sobre pensamento social brasileiro, que me encantou muitíssimo. Ali, eu tive primeiro contato então com Gilberto Freyre, Sérgio Buarque e esse autores todos. Fiquei muito encantada com tudo isso, percebi ali um vasto mundo a ser explorado. Logo depois veio um convite para participar de um grupo de pesquisa formado pelo CNPQ para pensar formas de financiamentos da área de pesquisa em cultura brasileira. Uma das coisas que me interessou foi refletir sobre como o conceito de cultura brasileira tinha sido pensado, tinha sido criado. Sempre gostei dessa ideia de ver a genealogia dos conceitos, um pouco, talvez, influenciada por Nietzsche, depois Foucault, sempre me interessei por linhagens de autores, quem está dialogando com quem. Isso foi uma coisa que eu aprendi muito ao longo da vida com professores, não só com a professora Mariza Peirano, mas com a professora Mireya Suarez, com o professor Roberto Cardoso de Oliveira, que estudava as categorias de pensamento, que é um eixo teórico das minhas pesquisas até hoje. Quais são as categorias de pensamento que estão, por exemplo, presentes em *Casa Grande & Senzala*, quantidade de vezes que ele usa a palavra civilização,

família, sexualidade e outras coisas mais. Então, a gente vai juntando fragmentos e montando um novo caminho e, hoje em dia, eu trabalho menos com a ideia de linhagens e genealogia e arqueologia do pensamento, mas com a ideia de redes de interdependência entre núcleos de intelectuais. E daí a preocupação com pensamento social, sobre nação, sobre o Brasil. Gostaria de completar que tudo isso, essa questão do professor Roberto com as categorias de pensamento, eu gosto muito de um texto dele que se chama ‘Sobre o Pensamento Antropológico’, em que apresenta as várias matrizes teóricas, do racionalismo, do empirismo e da hermenêutica, quais são as categorias chave na armadura desses eixos epistemológicos. E eu acabei definindo minha tese de doutorado sobre como que a ideia de patrimônio tinha sido organizada e a instituição do patrimônio tinha sido construída no Brasil. Primeiro eu pensei em trabalhar com o conceito de história, como a história era vivida numa cidade moderna como Brasília e numa cidade tradicional como Goiás Velho ou Pirenópolis. Eu pensei em fazer minha pesquisa comparando esses dois contextos, o que os habitantes consideravam, achavam, do conceito de história. Acabei definindo a minha tese sobre a criação do IPHAN. Aí, qual foi a minha surpresa quando eu vi que o patrimônio cultural, uma instituição voltada para preservação do passado, das nossas tradições culturais, foi organizado pelos modernistas. O projeto era do Rodrigo Melo Franco, do Mário de Andrade, mas na verdade, estava sendo gestada por aquela geração dos modernistas, aí eu entrei de cabeça a estudar o modernismo, essa geração dos anos 20, 30 e 40, que está estudada na minha tese de doutorado, e daí eu comecei a ampliar minha pesquisa, tanto no tempo quanto no espaço.

Eu fiz também uma relação com o Barroco no século XVIII, então criei uma relação entre século XX, século XVIII, com o Barroco e Modernismo. Foi um tema que eu explorei muito, escrevi muitos artigos sobre isso. Aí eu me dei conta que eu não conhecia tanto o século XIX, aliás, eu tinha certa implicância com o século XIX, achava ele muito chato. Não gostava da ideia de evolução... depois eu fui gostar muito do Darwin. Aquelas ideias racialistas e positivistas, eu falava: o século XIX é muito chato. Mas acabei depois voltando e vendo a importância que tem o século XIX na história do pensamento social. Séculos XVIII, século XIX, século XX, depois fomos para os anos 50, 60... e até hoje continuo fazendo essas leituras brasileiras, que é o nome do meu curso lá com os diplomatas. Essas narrativas que foram construídas no Brasil, como eu ampliei em termos espaciais, eu também fui estudar o pensamento social Latino Americano, o que os intelectuais latinos pensavam sobre a América Latina.

Fabricio: Você está falando que retorna aos modernos para exatamente observar a concepção de patrimônio que eles desenvolvem naquele momento. Agora, era comum no início de sua trajetória tomar os pensadores e as pensadoras sociais brasileiras como marco teórico? Como marco de explicação também? Você fazia uso de conceitos e abordagens, vamos dizer assim, eminentemente brasileiras para trabalhar?

Mariza: Não. Era até muito engraçado porque quando a gente começa no curso de leituras brasileiras ou de sociologia brasileira eu começo com o que eu chamo de “módulo teórico” que é alemão, francês então a

gente sempre brinca com os alunos ‘você deve estar espantado porque cadê o Brasil’? Então a gente começa, eu tenho até uma arquitetura já montada com a qual eu trabalho. O primeiro conceito mais inclusivo é o conceito de configuração sócio-histórica, que eu me inspirei muito no livro do Elias, “*O processo civilizador*”, no primeiro capítulo, sobre a sócio-gênese dos conceitos de civilização e cultura, em que ele mostra que a produção dos intelectuais, o próprio conteúdo dos conceitos e das visões e interpretações, das visões de mundo que eles vão desenvolver, estão relacionadas com o lugar que eles ocupam na estrutura social. Assim, eu nunca analisei os autores como autores em si. Nunca fiz isso. Eu sempre pensei – inclusive esses últimos dias eu tenho pensado muito sobre isso e vou logo te dizer o porquê – que me deu vontade de dar um curso sobre os intelectuais por causa disso.

Assim sendo, o primeiro conceito é qual é a configuração sócio-histórica que eu estou analisando. Digamos que as décadas de 20, 30 e 40, que eu defini como a configuração, que eu acho que tudo que acontece ali naquele momento pode ser pensado neste conjunto. Dentro deste conjunto, as modificações em termos de pensamento social começam a acontecer com a geração de 45, com o primeiro Congresso Nacional dos Escritores, eles tomam outra posição, os intelectuais brasileiros tomam outra posição mais política dentro do campo intelectual, a uma mudança, surgem novos autores interpretando o Brasil, como Guimarães Rosa, Clarice Lispector, logo depois vem Florestan Fernandes. A sociologia muda completamente naquela configuração dos anos 20, 30 e 40. Eu acho que esse conceito é bom porque ele é maior que o conceito de

contexto social.

Dentro dessa configuração sócio-histórica, estou interessada em observar o campo intelectual, aí venho com Bourdieu: “como que esse campo intelectual está estruturado, ele tem instituições sólidas, rituais de legitimação e consagração”. A gente percebe que nos anos 20, 30 e 40 são muito os autores, a gente analisa os autores. Chega nos anos 40, por exemplo, 50, você vai analisar as instituições, você analisa a USP, o ISEB, a Escola Superior de Guerra, que também estava produzindo narrativas sobre o Brasil. Então você já tem instituições e não mais autores. Então isso é uma trajetória histórica que a gente vê se desenvolvendo e se desenrolando.

Hoje no Brasil o campo intelectual é muitíssimo mais complexo, formado por várias universidades e outras instâncias de produção do conhecimento e narrativas que não apenas as universidades ou instituições de pesquisa. Aí, Fabricio, tem a configuração sócio-histórica, o conceito de campo intelectual do Bourdieu com várias das suas definições internas. Dentro do campo intelectual, estou interessada em observar: como se comporta a *intelligentsia*. Aí que que eu queria dizer, a *intelligentsia* é um conceito formulado lá pelos russos no final do século XIX para definir a *intelligentsia* russa, que são aqueles intelectuais como Tolstói, Dostoiévski, Turguêniev, Bielinski e vários que começam a se preocupar com a nação, com o povo, em construir a Rússia. Não foi à toa que Tolstói escreveu *Guerra e Paz*, aquele livro grandioso sobre a história da Rússia e assim eles tomam outras decisões. Então é um movimento de grupo. Eles passam a se interessar por questões sociais e históricas. Isso é uma mudança na postura dos intelectuais, seja na Rússia, seja no Brasil. No Brasil é a mesma coisa.

Os nossos intelectuais, por exemplo, da República Velha, eram intelectuais completamente sem função social, completamente isolados, vivendo ali de belas letras e vem um grupo modernista e diz “estou interessado no Brasil, estou interessado em pensar o que é o Brasil, estou interessado em questões sociais como aquela geração do final do século XIX”. Então aí se constitui a *intelligentsia*, um conceito que eu acho produtivo porque ele remete para as relações sociais, para o grupo, o modo como o grupo se organiza. E o que é, portanto, que a *intelligentsia* produz? O que é que ela faz? Ela produz discursos. Quem que me ajuda a interpretar os discursos e as narrativas: meu caro Foucault! E aí eu uso também um pouco de Bakhtin, penso na questão dialógica, com quem cada autor está dialogando, com quem que a geração dos anos 20, 30 está dialogando. Eles estão dialogando com a geração anterior, com aquela geração do final do XIX, por isso que eu fui lá estudar o que estavam pensando do Brasil através de raça, de região geográfica, do clima. Eles vêm e dizem ‘não, nós queremos pensar o Brasil através do conceito de cultura’. Eles introduzem uma categoria nova, que eu acho que isso é o mais importante do modernismo, a introdução dessa categoria de história, cultura, tradição para pensar o Brasil.

Esse é um modo como eu tenho estudado metodologicamente pensamento social brasileiro. Essa arquitetura conceitual tem se mostrado tão eficaz que tem mais de 20 anos que ela se mantém viva. Eu incorporo novos autores, eu incorporo novas comparações, eu incorporo novas leituras, leituras críticas, leituras não críticas porque isso também é um outro ponto que eu queria ressaltar. Meu curso de Sociologia Brasileira ou Leituras Brasileiras,

que ministro há 26 anos na escola diplomática brasileira, é um curso que fez vários diplomatas aprenderem um pouco sobre o Brasil. Muitos não conheciam nada, às vezes moraram no exterior o tempo todo então é um curso importante. Que faz pensar sobre o Brasil. Já nosso curso de Sociologia Brasileira, nossos alunos que fizeram tese amadureceram... Eu acho importante esse conhecimento sobre a nossa própria história. Sobre as nossas próprias condições. Como é que a modernidade se formou entre nós e uma série de questões que a gente vem trabalhando. Gostaria de ressaltar também que nós trabalhamos nesse curso os que são considerados “os clássicos”, aqueles pensadores incontornáveis. Você não pode formar um sociólogo que não tenha lido *Casa Grande & Senzala*, que não conheça Gilberto Freyre, que não conheça *Raízes do Brasil* do Sérgio Buarque de Holanda, que não conheça Caio Prado Jr, *A Formação do Brasil Contemporâneo*, então são os clássicos, a gente brinca, são os três porquinhos do pensamento social brasileiro. Mas, você pode criticar e deve fazer uma leitura crítica, enfim, isso não impede que você conheça e discuta os livros. Nós também nós adotamos pensadores desclassificados. Aqueles pensadores que, como Lima Barreto, não tiveram sua chance na época, o próprio Manuel Bonfim que passou a ser introduzido quando se estuda o começo do século XX, que ficou anos no ostracismo, esquecido. Foi recuperado muito recentemente a partir dos anos 80 e 90, pelo próprio Darcy Ribeiro que foi um prefácio que ele faz pra esse livro. Ele descobre esse livro no Uruguai, no exílio dele no Uruguai. É muito interessante como é que alguns autores são esquecidos e depois são reavaliados e o Manoel Bonfim é um autor que eu gosto muitíssimo, pois

ele tem realmente ideias muito diferenciadas do período dos seus contemporâneos. Então a gente trabalha assim, com os clássicos, os desclassificados, vai introduzindo autores novos. Outro dia a gente fez uma experiência incrível, confrontado *Casa Grande & Senzala* com João Ubaldo Ribeiro, que tem outra visão da história do Brasil. É completamente mais dura e diferente da visão do Gilberto Freyre. Então a gente faz muitos jogos comparativos, experiências comparativas que ajuda a ressaltar o pensamento de cada autor.

Camila: Professora, eu gostei muito de um ponto que a senhora colocou sobre os clássicos incontornáveis. Eu gostaria de saber um pouco da senhora sobre as autoras mulheres. A senhora disse sobre autores esquecidos, desclassificados e eu percebo que tem tido um movimento de dar visibilidade a autoras como Lélia Gonzales dentre outras. Eu gostaria muito de ouvi-la a respeito disso. E as mulheres na teoria social? Porque que essas mulheres não são tão evidenciadas quanto esses autores homens?

Mariza: Essa é uma questão, Camila, que eu te agradeço a pergunta, e eu também tenho me deparado com isso nos últimos tempos. Outro dia os meus alunos me cobraram, com toda legitimidade, pelos autores negros. Perguntaram por que eu não introduzia Abdias do Nascimento e outros. Eu, inclusive, estou fazendo certo levantamento e há autoras negras muito interessantes falando sobre o Brasil, estou inclusive aqui com um texto sobre esse tema, está na minha pasta de sociologia brasileira, que uma aluna me deu a sugestão e eu estou fazendo um pouquinho de

pesquisa para levantar mais informações. Isso é uma falha, assim, acho que não é só minha não, acho que é uma falha, aliás, da sociedade brasileira: as mulheres tiveram muita dificuldade de entrar na cena literária, na cena política. Veja você: até hoje temos esta discussão sobre o Brasil, você tem casos incríveis como o da Rachel de Queiroz, que era jovem e conseguiu escrever “*O Quinze*”, mas ao mesmo tempo comentários que foram feitos à época e que diziam que parecia ‘um livro feito por homem’. Ou seja, um livro tão bom que só um homem poderia ter escrito. Então ocorriam coisas assim, horríveis. Nós estamos introduzindo pouco a pouco. Quando eu digo nós é porque eu também trabalho com uma colega no Instituto Rio Branco e a gente faz experiências lá, aqui na UnB, então eu estou lá e aqui e tem sido muito rico. Nísia Floresta, que é uma autora lá do final do XIX, início do XX, lá no Rio Grande do Norte, se eu não me engano, e que estava pensando na educação das mulheres, então isso é uma outra coisa, a linhagem de pensadores educadores no Brasil. Você tem a Nísia Floresta, o Anísio Teixeira, o Darcy Ribeiro, o Paulo Freire, o Florestan Fernandes, o próprio Manoel Bonfim que dizia que a educação é uma das saídas para esse Brasil, provavelmente a gente vai achar mais de uma mulher, além de Nísia Floresta, nessa linhagem. A questão das mulheres negras que estão falando, você tem também romances já sendo discutidos e analisados até pela Sociologia, aquele romance ‘*Quarto de Despejo*’, de Carolina de Jesús. Mas eu acho que sim, nós temos que introduzir novos intérpretes, e começa assim, com pesquisas, a gente fazendo pesquisas, os alunos também fazendo suas teses, levantando esses dados e introduzindo na agenda reflexiva dos nossos cursos. É difícil, mas

é preciso insistir. Também não foi fácil introduzir nos meus cursos sobre pensamento social para os diplomatas e para os alunos da UnB, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, o ‘Manifesto Antropófago’, o ‘Manifesto Pau-Brasil’, a questão do matriarcado de pindorama, a questão da antropofagia. Ultimamente tenho estudado Oswald de Andrade de modo mais sistemático. A Sociologia discutiu pouco ainda o próprio Mário de Andrade, que é um grande pensador do Brasil. Eu fui introduzindo esses autores e já foi uma grande inovação. A gente não para de procurar, dar conta do máximo possível desse universo, mas são questões que vêm com a história, com o tempo. A gente vai amadurecendo, os novos alunos vão trazendo essas questões. Completamente aberta e de acordo com você, é muito falho. Eu sempre tive vontade de fazer um trabalho sobre Cecília Meireles. Ela trabalhou com a questão do folclore na época dela; nos anos 50, chamava folclore, hoje a gente chama de patrimônio imaterial. Existe essa linhagem, é cultura popular, depois era folclore nos anos 50 e 60, depois nos anos 80, 90 vai ser patrimônio imaterial, então, você veja que tem uma modulação dos conceitos também. Portanto, acho que você tem toda razão e é da gente começar a introduzir intérpretes e pensadores do Brasil oriundos dos mais diferentes grupos sociais, como mulheres, negros, indígenas, imigrantes.

Antônio: Professora, a senhora falou que quando começou a pensar sobre a trajetória da intelectualidade brasileira, o ponto de partida foram os movimentos modernistas, mas a gente sabe que tem um outro grupo de intelectuais que seguiu por outro caminho, que não o do modernismo, para pensar o Brasil, a nação e o

povo brasileiro. Esse foi o caso dos regionalistas, que reivindicaram o popular a partir do lugar social que era o das oligarquias, de uma certa aristocracia rural, caso do Gilberto Freyre, da própria Rachel de Queiroz que a senhora citou. Foram intelectuais que mais adiante influenciaram bastante o ISEB, que posteriormente compuseram o Conselho Federal de Cultura, e aí a gente pode incluir, além dos citados, autores como Guimarães Rosa, Ariano Suassuna e outros tantos. A minha pergunta é a seguinte: como é que a senhora situa esse grupo, que de algum modo se contrapõe ao discurso modernista, no pensamento social brasileiro?

Mariza: Essa questão é uma questão importante e recorrente: o regional e o nacional. No período dos anos 20, 30 e 40 a categoria fundamental é a nacional. Quem me inspirou nisso foi o meu velho e querido professor Roberto Cardoso. É tão engraçado, tudo vira nacional. Instituto nacional. Os modernistas criaram treze instituições. Eu tenho aqui, Instituto Nacional do Cinema, Instituto Nacional do Patrimônio Histórico, Instituto Nacional do Cinema Educativo, Instituto Nacional do Teatro. Tudo era nacional. Porque era a construção da nação que interessava, era a ideia de pensar uma nação moderna nos anos 20, 30. Uma nação que fosse capaz de se modernizar, de encontrar civilidade, eles adoram a palavra civilização. Eles, inclusive, fazem quase que sinônimo os conceitos de civilização e cultura. É impressionante isso também porque o conceito de civilização surge na França e cultura, que é Kultur, na Alemanha sendo conceitos contrastivos no Brasil eles se tornam sinônimos, neste período. E o que tem de embate aí, de discussão com esses, digamos,

que querem pensar nação: o regionalismo. Veja você que a Semana de Arte Moderna é de 22 e o Manifesto Regionalista do Gilberto Freyre é de 26. Então está ali, bem no bojo daquelas propostas. Aí tem o seguinte, um grupo - surgem grupos - que vão apoiar e defender o regionalismo. Não é só o Gilberto Freyre. O modernismo não acontece só em Rio e São Paulo. Isso é outra coisa que a gente precisa desmontar. Em Minas tem dois movimentos modernistas importantes. Em Belo Horizonte, com o Carlos Drummond, Emílio Moura e outros mais - Ascânio Lopes - e em Cataguases, cidade do Humberto Mauro...

Fabricio: Em Cataguases teve a escola de cinema... Humberto Mauro...

Mariza: É! Criaram um movimento chamado Leite Crioulo, que tinha uma certa tendência pro regionalismo. Os que estavam lá, Carlos Drummond e tal, queriam uma coisa mais universalista. Aí vai entrar o Mário de Andrade, que era radicalmente contra qualquer ideia regionalista, ele dizia 'quero pensar esse todo que é o Brasil, o que me interessa é o todo'. Inclusive, houve briguinhas, por implicâncias através de cartas, do Mário de Andrade com o Gilberto Freyre. Mário de Andrade pertenceu a um grande grupo, um grupo que frequentava o Patrimônio, o Patrimônio eu chamei até de uma academia, porque vários intelectuais da época frequentavam, mas alguns tinham uma perspectiva mais universalista para pensar a nação e outros a região. O Mário detestava essa ideia de pátria, ele disse 'eu odeio esses sentimentos patrioteiros' e regionalismos.

Um autor que foi desprezadíssimo pelos

modernistas, eu até orientei uma tese na sociologia sobre ele, foi o Cornélio Pires, que queria introduzir, que foi o primeiro a inventar a contar os causos dos paulistas e mineiros, falando com aquela linguagem de caipira mineiro, gravou o primeiro disco de música sertaneja, de música caipira e o Mario não gostou muito. Quem apoiou o Cornélio Pires, por incrível que pareça, foi o Monteiro Lobato. Então, isso aí são controvérsias que houve naquela época. Essa é uma controvérsia importante.

Outra controvérsia do período é: ideias nacionais *versus* ideias estrangeiras. É outra grande polêmica desse período que, aliás, durou anos no pensamento social brasileiro: “como lidar com ideias estrangeiras?”. Nesse paradigma temos *As ideias fora do lugar* do Schwarz, depois o Fernando Henrique com *‘As ideias e seu lugar’*, e o Rouanet também entrou nesse debate. É interessante como vão surgindo esses debates regional e nacional. [Falando dos movimentos modernistas, você tem Minas, na Bahia você vai ter um movimento importante chamado Arco e Flecha, que também é voltado para uma discussão mais regional. Tem coisas interessantes, como surge o movimento mais pro início do século, final do XIX, em Fortaleza, Ceará que se chamava Padaria Espiritual. Aquela coisa do ‘dai-me senhor a poesia de cada dia’ né, o pão de cada dia, a poesia de cada dia. Um movimento interessantíssimo, inovador que ficou lá no Ceará, pouca gente conhece. Eu fui lá uma vez aproveitei pra fazer pesquisa, tenho umas coisas xerocadas aqui mas nunca tive tempo de fazer uma pesquisa. Então, são questões, são temáticas que vão surgindo a cada momento e vão sendo ressignificadas. Hoje o que temos: a grande discussão globalização versus nacionalização. E assim vão se

modulando as questões. Tem muita gente pensando ‘não vamos pensar só o modernismo paulista, o modernismo às vezes meio triunfante’, ‘não vamos conseguir, ... vamos atingir a modernidade’. O Oswald de Andrade morreu falando em antropofagia e utopia. O último texto que ele escreveu chama-se “Marcha das utopias”, de 1954. Acho que ele viu que era tão difícil a situação do Brasil que talvez só repensando toda uma proposta de organização social. Esses debates recorrentes, essas polêmicas, vão sendo transformadas em novas dicotomias. Eu verifico, eu estudo como é que elas se processam, como é que elas se constroem, quais são os argumentos. Por isso que eu gosto de estudar pensamento social. Para mim é um campo de observação permanente, os debates que vão acontecendo, quem é que está dialogando com quem, com a geração passada, com os seus contemporâneos, quais são os mais importantes de cada período, de cada configuração sócio histórica. Raça, por exemplo, é um conceito que sofreu uma modulação incrível, tenho um artigo escrito sobre isso. Você tem raça lá na primeira metade do século XIX, uma idealização. O índio do Alencar totalmente idealizado. Como dizia o Gilberto Freyre ‘mais parece um nobre europeu do que um índio brasileiro’. A temática do negro ausente do debate. Na segunda metade do XIX você tem a raça como biologização. Vêm as teorias racialistas, o mestiço é um degenerado, aquelas coisas todas. Depois você tem na primeira metade do século XX, que é o do Gilberto Freyre, raça como culturalização. A raça você estuda pela cultura, é uma culturalização da discussão sobre raça. Segunda metade do século XX você tem uma politização da raça. Passa a ser política essa discussão. Assim, veja como os conceitos mudam. E eu gosto disso,

dessa história dos conceitos, história do pensamento social, dos seus movimentos, das suas contradições, dos seus avanços, dos seus recuos, na incorporação dos desclassificados, dos clássicos, como é que se torna clássico. Eu acho que é nesse movimento, não ver o campo sedimentado. Isso é que talvez traz a riqueza assim, o meu gosto por esse campo de estudo.

Fabrizio: Mariza, tomando então isso que você traz, a respeito da mudança da abordagem, de temas, tem um tema que sempre, também, me perseguiu quando eu li e tive contato com os clássicos da interpretação do Brasil, que é a ideia da diferença entre abordagens que negavam o Brasil e, portanto, negavam o seu povo miscigenado, toda a discussão da miscigenação e depois uma abordagem que afirmava o Brasil. Por exemplo, a discussão do Paulo Prado com o Mário de Andrade, remetia a essa controvérsia. O Paulo Prado condenando a sexualidade do brasileiro, enquanto o Mário de Andrade a exaltava. Como você vê essa oposição entre a afirmação do Brasil contra sua negação? Porque ainda hoje quando você discute Brasil, muitos autores negam o Brasil ainda, afirmam inautenticidade ou modernidade incompleta, enfim. A famosa discussão da década de 80 entre o Richard Morse e o Simon Schwartzman repercute essas discussões. Como é que isso também fez parte das suas leituras, escritos e reflexões sobre o pensamento social?

Mariza: É o seguinte, essa sua questão é muito boa porque é um dos eixos recorrentes de debate no pensamento social, na história do pensamento social e como você disse, até

hoje esse debate aparece. Você tem aquele pessoal que, por exemplo, desde o final do século XIX, afirma que Brasil está fadado a não se desenvolver, porque tinha aquelas teorias nas quais o povo era definido pela raça e pelo clima. Como é que se define Brasil? Nessas teorias, o povo é fruto das raças que o compõem e do clima, climas temperados, com raças menos miscigenadas, tenderiam mais ao progresso, eram as teorias racialistas que vinham da Europa, cujas perguntas eram quem tem mais capacidade de adaptação, de evolução e de crescimento. Os povos que estão em climas quentes, tropicais, os povos miscigenados, a miscigenação era vista muito negativamente, uma degeneração da espécie, daí a ideia de que não poderia gerar descendentes. Era um país tropical com um povo miscigenado, então, parte da dificuldade dos intelectuais em pensar a possibilidade de progresso do país e sua definitiva entrada na modernidade. Inventam artifícios como a teoria do branqueamento. Por exemplo, Silvio Romero, que é considerado um dos primeiros sociólogos brasileiros, criando a teoria do branqueamento e a teoria do branqueamento foi pensada não só no Brasil, foi pensada também no México, uma quinta raça iria surgir no México, uma raça de bronze, uma raça diferenciada. Tentativas para sair desse impasse, dessas teorias, que vinham da Europa e se introduziam no Brasil: evolucionismo, positivismo, racialismo, eu chamo racialismo; as teorias que tratam da hierarquia entre as raças, que então introduz o racismo... eles vão ter que responder como que dá conta de pensar a viabilidade que o país pudesse ter. Logo, você vai ter aqueles pensadores profundamente pessimistas: “olha não tem solução aqui a não ser o branqueamento, a raça branca é superior e vai levar à branquitude”, mas o que aconteceu

foi o contrário, o Brasil cada vez mais miscigenado, cada vez mais misturado, não tem dominância nenhuma de raça branca, então esse debate vai sempre acontecer, no modernismo ele volta e alguns autores vão dizer: tem viabilidade, o próprio Euclides, naquele desespero de Euclides, ele se pergunta: “como é possível nascer, surgir uma civilização no Brasil?” e afirma que a civilização é um fardo, como é que esses homens fracos, misturados, miscigenados, abandonados aqui no meio do sertão vão ser capazes de suportar esse fardo da civilização? Mas, ao mesmo tempo, ele disse “ não, mas daqui vai surgir uma raça nova, um povo novo”, quando ele chama o sertanejo de “a rocha viva da nacionalidade”, então, os sertões eu gosto porque é um livro de embate. O Euclides chega lá com aquelas teorias todas racialistas, da teoria do clima, determinação do clima, da raça e ele sai perguntando quem são os loucos aqui, quem são os civilizados que fizeram em Canudos essa barbárie absurda, mataram os canudenses e conselheiristas.

No modernismo, essa questão aparece de um outro jeito: havia aqueles que achavam que para a gente se introduzir na modernidade nós tínhamos simplesmente que aprender tudo com eles, como os europeus, os americanos, muito mais os europeus, porque nós não tínhamos nenhuma tradição, nenhuma história, tínhamos que incorporar tudo que vinha de fora para ser moderno. E havia o outro grupo de modernistas que vão advogar a tese de que nós temos sim uma história, digna de ser contada, temos uma arte, que é a arte barroca, que tinha uma universalidade, vão estudar loucamente o Aleijadinho, que essa é uma arte que pode ser comparada com qualquer arte europeia universal e vão dizer: não, nós já temos uma história incorporada,

nós simplesmente vamos continuar com nosso passo em direção à modernidade, mas a partir das nossas próprias bases, tendo em vista conceitos de história e cultura. Sempre houve esta angústia crônica sobre nossa relação com a modernidade. Sempre oscilando entre a ideia de falta, ou a ideia de diferenciação em relação ao mundo hegemônico da modernidade definido pelo modelo europeu.

Fabrizio: O Alfredo Bosi chama isso de a obsessão pelo descompasso.

Mariza: Obsessão pelo descompasso, eternamente essa coisa, “nós não atingimos a modernidade”. O próprio Sérgio Buarque em *Raízes do Brasil*, faz a seguinte pergunta: “como superar os impasses, as raízes ibéricas que definem sociedade da desordem, da não civilidade, do homem cordial que age a partir do afeto, não da racionalidade?”.

Até os anos 60, 70, o Florestan Fernandes vai dizer como seria possível uma revolução burguesa no Brasil, uma dificuldade de se instalar uma sociedade de fato burguesa, com esses resquícios de ruralismo, de privatismo, essas questões que ainda hoje, por incrível que pareça, o Brasil padece. Então, são temas que eu estava chamando de temas recorrentes, como a questão da colonização, questão da escravidão, a questão desse descompasso do Brasil em relação à modernidade, à questão da identidade nacional... Engraçado, por que um país se preocupa tanto com a identidade nacional? Há momentos em que rejeita, como foi no tempo da ditadura, em que não se queria nem ouvir falar, depois volta com toda força a temática da identidade,

porque nós tivemos nossa identidade definida pelo outro, o europeu, ele chegou aqui dizendo quem somos nós, “você são os bárbaros, incivilizados”.

Fabrizio: Mariza, você fala de 25, 30 anos na área, seus estudantes hoje se interessam por pensamento social brasileiro, por leituras brasileiras, tanto quanto se interessavam lá a 20, 25 anos atrás?

Mariza: Eu tenho a grande satisfação de dizer que sim, eu tenho que, não sei em que medida, contribuir mais para isso, ainda mais agora. Teve momentos em que eu fiquei muito sozinha, só eu dava sociologia brasileira. Quando eu entrei na universidade, tinha a professora Mariza Peirano, da Antropologia, que trabalhava essas questões, a tese dela foi sobre os antropólogos brasileiros, exatamente o que os antropólogos brasileiros estavam pensando, estudando sobre o Brasil. Tinha na Sociologia o professor Fernando Correa Dias, que era um manancial de conhecimento sobre o Brasil e sobre literatura e sobre pensamento social, é impressionante. Depois entraram outros professores e eu fiquei me mantendo com a Sociologia Brasileira. Depois, conseguimos com que sociologia brasileira, que aliás foi conquista dos alunos, se transformasse em matéria obrigatória para a graduação e para a pós-graduação, e eu dedicadíssima, maior entusiasmo sempre, porque eu gosto dessa discussão, estou permanentemente pesquisando, não é?! Eu estou aqui com um texto chamado “Radicalismos”, do Antônio Cândido, publicado em 1988, um texto superinteressante, sobre quem são os pensadores radicais no Brasil, que propuseram uma revolução. Ele cita o Sérgio Buarque, o Manoel Bonfim, e por um momento, por uma

década, Joaquim Nabuco. Eu acho que, ainda hoje, os alunos têm muito interesse e felizmente, o departamento conta com ótimos professores de pensamento social, que estudam isso há muito tempo, como o professor Sérgio Tavolaro. Eu acho que é uma linha de pesquisa que nunca caiu, que sempre teve tese sendo defendida, as aulas são lotadas. Eu estou agora na graduação com uma turma que não tem menos que 40 alunos. Todas as vezes que eu já dei esse curso, sempre tem um bom número de alunos interessados, na pós-graduação igualmente. Enfim, eu gosto de dar esse curso por isso, e também porque eu penso sempre na dialogicidade, historicidade dos conceitos. Porque isso pra mim é muito caro. Conceitos não surgem do nada, eles são construídos historicamente dentro de determinados marcos sociais de referência. Eu tenho tido alunos muito bons, o pessoal da Sociologia é bom, desde a graduação, bem preparado, eu acho que essa temática tangencia todas as outras temáticas, a questão sobre a leitura, sobre o livro. Outro dia eu estava lendo um artigo lindo sobre os livreiros, Zé Olímpio, lá dos anos 20, 30, a importância que eles tiveram na formação do campo intelectual. E uma outra questão é uma Sociologia dos intelectuais. Você trabalhar também esse conceito que eu estava pensando hoje, de *intelligentsia*, o intelectual engajado do Sartre, o intelectual orgânico do Gramsci, o intelectual revolucionário que trabalha, e eu acho que isso aí ajudaria os alunos. Se eu der um curso para pensar como é que se trabalha com esses autores, eles não são autores isolados, são o quê? São intelectuais, fazem parte de uma *intelligentsia*, remetem a um grupo, são intelectuais engajados, são intelectuais marginalizados, isolados? Acho que é uma temática linda também, já dei vários cursos

com o professor Carlos Benedito, orientei várias teses, já dei curso sozinha, ... é um tema que eu gosto demais também. Tem outras questões, que chama a atenção, certas temáticas, certas linhagens de pensamento, certas discussões, que vão se modulando, vão se repetindo. A gente percebe a ausência, silêncio sobre algumas questões que não têm nenhuma visibilidade em um determinado momento, e passam a ter muita em outro momento, como essa questão do pensamento de mulheres, pensamento de mulheres negras. Então é isso, eu acho que, como diria o Carlos Drummond, “esse é um mundo, vasto mundo”.

Fabrizio: Agora note Mariza, sabe uma coisa que me parece curiosa, é a ausência de um grande manual sobre o pensamento social brasileiro. Os manuais ajudariam muito.

Mariza: Tem dois livros, que são organizados pelo André Botelho, não sei, que chama “*Um enigma chamado Brasil*”, com artigos curtos, coisa de três a quatro páginas, sobre cada um dos autores do pensamento social brasileiro considerados relevantes. São todos artigos muito bem escritos: Ingrid Alonso, que é uma especialista em Joaquim Nabuco, Bernardo Ricupero escreve sobre Caio Prado. Então são artigos muito bem escritos, sintéticos, mas não é uma coisa muito profunda. Você tem também o “*Ateliê do pensamento social*”, artigos interessantes sobre o pensamento social no Brasil. Como eu ia dizendo, tem esse livrão que é “*Brasil, uma biografia*”, que é muito bom, embora seja um livro sobretudo em história, da Lília Schwarcz com a Heloísa Starling. Mas vale dizer que ele é muito bom do ponto de vista da História, porque dá

aquela visão mais geral de como as coisas aconteceram, conta um pouco dos bastidores, não é exatamente um livro de pensamento social. Eu leio quando eu vou introduzir o pensamento social brasileiro. Outro dia, por exemplo, eu li sobre período colonial, quando a gente resolveu introduzir um pouco a discussão sobre o período colonial. Estávamos pensando neste semestre em não parar nos anos 20 e tentar chegar nos anos 50, fazendo uma discussão sobre o ISEB, Guerreiro Ramos e o Florestan Fernandes. Aí eu peguei o livro e vou ler a parte referente a esse período. A gente já sabe o que aconteceu, mas sempre tem uma informação nova, como é que de fato as coisas se passaram, como é que foi possível a construção de Brasília, como é que foi o governo JK, como é que foram os bastidores políticos. Então tem uma pesquisa grande, boa, mas não é como leitura principal, é bom para complementar, para a gente se movimentar nesses períodos com mais segurança, se movimentar do ponto de vista da história, que não é a história oficial.

Antônio: Professora, como é que a senhora enxerga o debate que o Jessé Souza traz, propondo uma ruptura com o que ele chama de “sociologia da inautenticidade”. Eu vejo que existe uma razão nisso porque os autores que procuraram pensar o Brasil tenderam sempre a tomar como referência a perspectiva europeia moderna de civilização. Mesmo aqueles que negam os padrões “civilizatórios” hegemônicos europeus como nosso destino, sempre os tomaram como parâmetros de análise para analisar o caso brasileiro, como foi o caso do próprio Gilberto Freyre. Enfim, como é que a senhora avalia esse questão?

Mariza: Olha, eu acho que esse debate é um debate real, ele é um debate importante na história do pensamento social, ele é tão mais importante quando você pensa em certas armadilhas do pensamento que a gente cai. Há a forma como Gilberto Freyre tenta pensar a sociedade brasileira, segundo a qual nós temos uma história diferenciada, nós temos uma modernidade diferenciada. Aí tem um artigo do Sérgio Tavolaro, que eu gosto muito, que diz que ele acaba depois transformando isso em peculiaridade societal, é o termo que o Sérgio usa, ou seja, é como se a gente fosse um desvio do caso exemplar, entendeu? Não fica assim como o Richard Morse, que o Fabrício citou, que tem umas provocações interessantes, que diz: “olha, muito mais interessante a história do mundo ibérico do que a modernidade do mundo anglo-saxônico”. O Sérgio Buarque vai dizer da necessidade de implantar uma sólida modernidade entre nós, não apenas uma modernização superficial, civilizar baseados em regras, em padrões de sociabilidades mais igualitários e cidadãos. O problema maior que eu gosto em *Raízes do Brasil*, é quando o Sérgio Buarque diz que no Brasil o modelo de sociedade é a família, então são relações hierárquicas e relações afetivas, para o bem e para o mal, relações afetivas, que podem ser amizade ou inimizade. Portanto, nós temos que romper com isso, tanto que ele termina *Raízes do Brasil* falando da nossa revolução, ele diz: “olha, só revolução para mudar isso aqui”. Inclusive eu estou aqui com um texto do Jessé que é muito sugestivo, eu não sei se vocês conhecem, porque esse texto já faz tempo, chama-se o “Malandro e o Protestante”. De novo essa temática “as ideias estão fora do lugar”, as ideias não estão fora do lugar, é o que o Jessé está argumentando, que o Sérgio Buarque está pensando

uma sociedade, digamos em branco e preto da sociedade europeia, o espelho de uma sociedade da racionalidade, da ética racional, da civilidade, do trabalho regular, todos os conceitos de definição de modernidade. E no Brasil é o contrário disso, nós temos a ética da aventura, o desprezo pelo trabalho, em vez da razão a emoção, ele vai fazendo essa perspectiva contrastiva, estudando, como diz o Antônio Candido, os contrários. Mas eu acho que não se pode falar exatamente em uma Sociologia da inautenticidade, eu não gosto muito dessa categoria não. Eu acho assim, como eu disse, vejo que são tensões sociais que se arrastam, que estão aí, que vão se modificando, que vão se modulando, uma delas é essa relação, modernidade, nossa realidade, uma modernidade periférica e modernidade modular, como diz o Chatterjee, o antropólogo que faz a crítica também sobre o conceito de nação, os europeus pensam a modernidade modular, o modelo de modernidade europeu. Aqui surgiu uma modernidade com sua constituição diferenciada e suas próprias contradições. Eu gosto muito de autores que pensam modernidade no caminho de volta, “olha, a modernidade não veio somente de lá para cá, vamos mudar essa seta, também foi daqui para lá”. Como o Caio Prado vai dizer: “olha, o ouro e a prata, que foi embora da América hispânica, a riqueza que foi embora do Brasil, foi para a Inglaterra, não ficou sequer em Portugal e Espanha, e ajudou na revolução industrial sim, a descoberta da América é o que introduz a modernidade no mundo ocidental”. Outro dia, inclusive, assisti ou li algo, nem lembro se era um filme, se era um livro, eu estava meio dormindo com a televisão ligada, que tratava de uma feira que teve em Portugal e daí chegam os navegantes vindos da América e vão apresentar as novidades, tomate,

batata, milho, produtos destinados a matar a fome dos europeus e outras coisas mais que nós temos. O que eu acho muito mais interessante, o Gilberto Freyre vai falar, é dizer que não queremos essa modernidade férrea e feia, dos ingleses, nossa modernidade é de outro tipo. Mas isso é uma questão em aberto, eu acho também que a gente fica produzindo modelos e como diz a Mariza Peirano, nós estamos sempre nos olhando a partir do espelho do outro, nós nunca chegaremos a ser iguais, mas nós somos sempre uma imagem querendo ser igual à do outro, isso ela chama de exilados e desterrados, os intelectuais com esse sentimento de desterro, de fora do lugar, de exílio que acompanha os intelectuais brasileiros. Eu vejo, como vocês mesmo apontaram, tensões recorrentes, com dificuldades sim, de estar num país periférico. Tem um texto do Silviano Santiago que eu acho que resolve um pouco essa questão dos intelectuais. Chama-se o “entrelugar das ideias latino-americanas”. Nós, intelectuais latino-americanos, não estamos nem aqui nem lá, nós participamos do nosso mundo, queremos falar do nosso mundo, da América, do nosso modo de viver, do nosso clima, da nossa realidade, da nossa mistura, mas nós também participamos do mundo ocidental, nós também pertencemos a essas ideias, então nós estamos entre dois mundos. O que é muito ruim é trabalhar com a ideia de influência. O Gilberto Freyre tinha grande admiração por Oliveira Lima, embaixador do Brasil em Washington, que deixou a biblioteca com mais de 2000 livros lá em Washington e que está lá ainda, ele falava assim, “a literatura brasileira é um ramo da árvore europeia, da árvore portuguesa”, isso aí que eu acho que é uma postura que remete a essa ideia de influência, de que nós somos um ramo da árvore, da ideia de que no Brasil

tudo era página em branco, os portugueses chegaram e escreveram a nossa história. Até hoje a gente acha que o indígena não é dotado de valores, não é dotado de cultura, é uma página em branco, que português teve que ensiná-lo a viver, ensiná-lo a ter cultura. Nada disso. É o mesmo tipo de raciocínio de gente que fala de Brasília, “ah Brasília não tinha nada, era um deserto”. Tinha sim, tinha fazendas, tinha um povo vivendo isolado por aí, tinha seu modo de ser também, tinha Planaltina, outra cultura, própria de Goiás, que se desenvolvia de uma maneira específica, muito isolada. Essa coisa de que nós temos que absorver do outro o que ele tem de bom, tudo que ele tem de bom, modernidade, civilidade, é o outro, outro mundo, essa é outra coisa interessante, discutir a ideia de identidade, não só a partir da identidade, mas dá alteridade, quem é o nosso outro, pode-se assim fazer a crítica das construções identitárias também.

Antônio: É que de outro modo, é um pouco aquela discussão que o Celso Furtado também trouxe, da dependência cultural que a gente vai criando. A dependência cultural vai trazendo outras dependências que nos colocam em uma condição periférica e das quais a gente não consegue sair, como em um círculo vicioso.

Fabício: E se você me permite complementar, no ensaio do Silviano Santiago, ele diz que escrever e falar é sempre escrever contra e falar contra. Porque no fundo no fundo, as coisas que nós escrevemos e falamos a partir daqui, mesmo que sejam influenciadas por outras ideias, é falar contra essas ideias, para além

dessas ideias.

Mariza: Sim, construir outras proposições, como diria Caetano Veloso, “outras palavras”.